
Algumas notas sobre a assustadora atualidade do insólito (ficcional?) em Não verás país nenhum, de Ignácio de Loyola Brandão

Some notes about the scary present of the unusual (fictional?) in and still the earth, by Ignácio de Loyola Brandão

Paulo Ailton Ferreira da Rosa Junior¹

Resumo: A crítica literária afirma que os recursos fantásticos utilizados no romance *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, têm como intuito aludir ao cenário sociopolítico brasileiro do início dos anos 1980, contexto de produção da obra. Entretanto, a atualidade quase literal de algumas dessas figurações assusta o leitor contemporâneo pela possibilidade de relacioná-las a acontecimentos do contexto de uma recepção contemporânea. Diante disso, este trabalho objetiva confrontar uma seleção de passagens do romance com episódios do contexto sociopolítico brasileiro corrente confirmando a sua atualidade. O estudo dialogará com preceitos de autores como Candido (1989) e García (2011), bem como em averiguações anteriores sobre a obra, por Souza (2019) e Ginway (2005).

Palavras-chave: Distopia. Literatura e política. Literatura e sociedade. Não verás país nenhum.

Abstract: The literary criticism affirms that the fantastic resources used in the romance *And still the earth*, by Ignácio de Loyola Brandão, are intended to allude to the early 1980s Brazilian sociopolitical scenario, the work's production context. However, the almost literal present of some of these figurations scares the contemporary reader by the possibility of relating them to events of the context of a contemporary reception. In light of this, this work aims to confront a selection of the romance passages with episodes of the current Brazilian sociopolitical context confirming its present. The study will dialogue with precepts of authors such as Candido (1989) and Garcia (2011), as well as in previous inquiries about the work, by Souza (2019) and Ginway (2005).

Keywords: Dystopia. Literature and politics. Literature and society. And still the earth.

¹ Doutorando em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: juuniorferreira@yahoo.com.br

1 A LITERATURA NO LIMIAR ENTRE A FICÇÃO E ANTECIPAÇÃO PROFÉTICA

“É que a literatura chega antes. A vida vem copiando”

Ignácio de Loyola Brandão

Não raro obras literárias concebidas em épocas distantes do ato de leitura que promove nosso encontro com elas surpreendem por soarem incrivelmente atuais. Como averigua Calvino (1993, p. 11), essa pode ser uma boa indicação daquilo que é ou se tornará um clássico, pois, “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, que reverbera além de sua época versando sobre temas que não se esgotam a um determinado contexto histórico e social. Algumas vezes, mais do que atuais, essas obras parecem até proféticas, nos falam de futuros então hipotéticos que, como que por um gracejo, se tornam nosso cotidiano palpável.

Esse é o caso de *Não verás país nenhum*, do escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, objeto de estudo deste artigo. Publicado originalmente em 1981, ele dá segmento a inquietações de Brandão expressas em seu romance de estreia, *Zero*, todas alimentadas pelo período pós-golpe de 1964 e os anos da ditadura civil-militar brasileira que chegavam, lentamente, ao seu fim. Entretanto, enquanto *Zero* se caracteriza mais em função do trabalho de experimentação com a linguagem empregado por seu autor, que utiliza de registros factuais para compor a narrativa, Souza (2019, p. 15) argumenta que *Não verás país nenhum* “atrai os leitores pela forma como o discurso fantástico é ali manifestado, seduzindo-os, atordoando-os, assustando-os e causando raiva, quando os faz olhar para várias direções da história em busca de respostas que o fantástico não permite que sejam encontradas”.

Tradicionalmente, o fantástico na literatura é definido como um gênero em que se faz presente “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento sobrenatural” (TODOROV, 2012, p. 31). Porém, uma concepção corrente na crítica contemporânea e nos estudos brasileiros em especial tem considerado a literatura fantástica a partir de um princípio mais abrangente, menos genológico e mais modal. Segundo García (2011, p. 2), tendo fontes em Prada Oropéza e Bessière², o fantástico seria caracterizado, então, pela “irrupção do insólito ficcional”, ou seja, pela “manifestação de um traço incoerente, no plano narrativo, em relação às expectativas do sistema literário real-naturalista”, configurando-se não como um gênero, mas como um modo de narrar que abarca vários gêneros.

É nesse sentido em que gêneros como a ficção científica, e em especial para este caso, um de seus subgêneros, a distopia, acabam nos braços do fantástico. Ginway (2005, 137) escreve que “De todas as distopias brasileiras, *Não Verás* é a mais complexa, a mais elaborada e talvez a mais sinistra não só em sua representação do futuro, mas também em sua

2 PRADA OROPEZA, Renato. “El discurso fantástico contemporáneo: tension semántica y efecto estético”. Revista Semiosis, Tercera época, vol. 2, nº 3, Enero-Junio/2006. [p. 54 – 76]

BESSIÈRE, Irène. “O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha”. Revista Fronteiraz, vol. 3, nº 3, Setembro/2009. [p. 185 – 202].

descrição da natureza elusiva do poder e da sociedade contemporânea”. Caracterizadas por uma visão pessimista e antecipatória, essas profecias em forma de romances trabalham com elementos que à época se pretendiam fantásticos, soavam insólitos, mas que em um exame contemporâneo passam a ser facilmente identificáveis no dia a dia mundano, elas brincam de nos assustar pela sua correspondência com o mundo como organizado hoje.

Assim, escrita como crítica à sua época, a narrativa de *Não verás país nenhum* atravessou os últimos quarenta anos cada vez mais relacionável a episódios da história subsequente/corrente do Brasil, passando a ser referenciada como uma ficção antecipatória. É partindo desse princípio que este estudo propõe confrontar uma seleção de passagens do romance com episódios do contexto sociopolítico brasileiro corrente, a fim de discutir e comprovar a sua atualidade. Tal averiguação se torna possível, pois, nas palavras de Candido (1989, p. 163), a arte da literatura, “na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas”.

2 O INSÓLITO NO LIMIAR ENTRE O LITERÁRIO E AS MANCHETES DE JORNAL

Caracterizar (bem como analisar em um gênero tão conciso quanto o artigo científico) uma obra como *Não verás país nenhum* é tarefa traiçoeira pelos pormenores que sem dúvida escorregarão para fora das escolhas que, obrigatoriamente, precisam ser tomadas para tal tarefa. Nenhuma sinopse substituiria a leitura desse romance, entretanto, um excerto dele próprio pode servir aqui como uma porta de entrada ao enredo. Assim, provoca-se: “Lembra-se de quando líamos os livros de Clarck, Asimov, Bradbury, Vogt, Vonnegut, Wul, Miller, Wyndham, Heinlein? Eram supercivilizações, tecnocracia, sistemas computadorizados, relativo – ainda que monótono – bem-estar. E, aqui, o que há? Um país subdesenvolvido vivendo em clima de ficção científica.” (BRANDÃO, 2019, p. 109). Nesse sentido, Matangrano e Tavares (2018, p. 121) complementam bem essa introdução quando dizem sobre o livro que nele “Loyola cria uma distopia passada em uma São Paulo do século XXI destruída pela má administração pública, onde a água acabou e a poluição se alastrou”.

Essa narrativa, toda composta em parágrafos de cinco linhas entrecortados aqui e ali por diálogos não comprometidos com essa forma, tem como protagonista Souza, um burocrata entediado, ex-professor de História aposentado de forma compulsória pelo Esquema, regime vigente no Brasil desde os Abertos Oitenta, período pós-ditadura civil-militar em que o regime democrático (em tese) foi sendo retomado. Acompanhamos ao longo das 381 páginas do livro as errâncias desse narrador-personagem por um Brasil extremamente empobrecido, em processo crescente de degradação ambiental, com racionamento e reciclagem de água, calor intenso, alimentos artificiais, ausência de vida vegetal e animal, nascimento de crianças deformadas e mutantes. Esse ambiente apocalíptico já aventada pelo título, uma referência ao poema *A Pátria*³, de Olavo Bilac, adianta a atmosfera de degradação também expressa nas capas das suas várias edições.

3 «Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! Não verás nenhum país como este!”



Figura 1 – Capas de edições de *Não verás país nenhum*.

Fonte: internet.

Não à toa, *Não verás país nenhum* é constantemente referida como uma distopia ecológica. Essa parece ser uma leitura direcionada da obra já pelo projeto gráfico: as capas de todas as edições fazem alusão à uma forte seca que degrada o ambiente. Em diálogo com o título, o leitor sem demora deve conseguir inferir que no livro (assim como fora dele, veremos) a paisagem natural do país está sendo consumida. Na trama, a floresta amazônica, bem como outros biomas, foi inteiramente devastada sob o apadrinhamento do governo vigente até transformar-se em um deserto, como revela o excerto: “Até que, um dia, as fotos tiradas pelos satélites revelaram a devastação. Todo o miolo da floresta dizimado, irremediavelmente. O resto durou pouco, em alguns anos o deserto tomou conta” (BRANDÃO, 2019, p. 107).

A questão da exploração ambiental é histórica no Brasil e começou com a própria colonização do país. Temos assistido, geração após geração, a floresta amazônica ser consumida, com mais ou menos interesse dos governos vigentes em refrear essa exploração desmedida que nunca cessou. O capítulo mais recente e mais alarmante até aqui tem se desenrolado durante a gestão do atual presidente, Jair Bolsonaro, marcada por episódios polêmicos em torno de sua política considerada antiambientalista. O mais recente deles corroborou declarações expostas por um vídeo de uma reunião ministerial em que, em outras palavras, o ministro do meio ambiente sugeria aproveitar a distração midiática provocada pela pandemia de covid-19 para acelerar o dismantelamento das políticas de proteção ao meio ambiente. Assim, manchete da versão online do jornal Folha de São Paulo, publicada no dia 28 de julho de 2020, denunciou: “Governo acelerou canetadas sobre meio ambiente durante a pandemia” (FOLHAPRESS, 2020). A reportagem esmiúça: “entre março e maio deste ano, o Executivo federal publicou 195 atos no Diário Oficial relacionados ao tema ambiental. [...] A análise das principais decisões publicadas confirma a direção de desregulamentação” (FOLHAPRESS, 2020).

Tudo indica que acelerado por esse desmonte na proteção do meio ambiente foi que, segundo manchete publicada no dia 10 de julho de 2020 no site do mesmo jornal, a “Amazônia tem 14º mês seguido de aumento de desmate, e derrubada em junho é a maior desde 2016” (WATANABE, 2020). O texto que disserta sobre ela dá mais detalhes: “Em compara-

ção com 2018, o desmatamento no mês passado cresceu quase 112% [...] O Conhecimento constante do desmatamento tem feito aumentar a desconfiança internacional em relação ao comprometimento em frear a destruição” (WATANABE, 2020). Em uma reação provavelmente nada arbitrária, como uma resposta à divulgação desses dados desagradáveis, manchete do site do Jornal do Commercio noticiou, em 13 de julho de 2020, que “Em meio às maiores taxas de alerta de desmatamento da Amazônia dos últimos cinco anos, foi exonerada nesta segunda-feira a pesquisadora responsável pelo trabalho de monitoramento do devastação florestal no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais” (ESTADÃO CONTEÚDO, 2020). A correlação entre os episódios é tão escancarada que não seria surpreendente se, em algum momento, o ministro do meio ambiente usasse das palavras do ministro de *Não verás país nenhum* sobre o resultado de seus desfeitos à proteção ambiental: “Devemos estar orgulhosos com a conquista que acabamos de fazer [...] a história vai nos registrar como o Esquema que deu ao país uma das grandes maravilhas do mundo. [...] a partir de hoje contamos também com um deserto maravilhoso” (BRANDÃO, 2019, p. 95).

No romance, o norte transformado em deserto resultou em uma mudança drástica no clima, tornando o Brasil um todo árido em que se formam os temidos bolsões de calor, um fenômeno que queima as pessoas até a morte, em que a chuva nunca vem e em que, por isso, a água é um bem escasso cujo consumo é controlado por fichas e cuja insuficiência é amenizada com a reciclagem e urina: “A sua urina é comercializada. Com a falta de água, aparelhos recolhem mijo saudáveis numa caixa central, onde se procedem à reciclagem” (BRANDÃO, 2019, p. 32). Ainda não chegamos a esse ponto das coisas, mas o “Desmatamento na Amazônia está secando o resto do Brasil, aponta relatório” (ZANON, 2020), como alerta essa manchete do jornal de notícias ambientais Mongabay. Segundo a matéria, “O desmatamento na Amazônia, voltado para pecuária, agricultura e exploração madeireira, impacta na diminuição de chuvas no Brasil [...] As regiões Centro-Oeste, Sul e uma parte do Sudeste, incluindo o estado de São Paulo, apresentam chuvas abaixo da média histórica” (ZANON, 2020). Especificamente no sul do país o cenário da primeira metade deste ano de 2020 foi assustador. Segundo o G1, em 19 de maio, “Cidades da região Sul enfrentam dificuldades no abastecimento e muitas dependem da água levada por caminhões-pipa porque os níveis dos rios estão bem abaixo do normal” (NSCTV, 2020), e, em vista disso, o insólito do cotidiano se fez presente, “O Rio Negro, em Três Barras, baixou tanto que apareceram fósseis de animais que viveram há cerca de 280 milhões de anos em Santa Catarina” (NSCTV, 2020). Esse último trecho da notícia soa tão fantástico que parece competir com o romance ou mesmo tratar-se de um recorte dele, como subsequente do momento em que o narrador conta: “As secas definitivas vieram logo após o grande deserto amazônico. Um ano sem gota de água e as represas de São Paulo se esgotaram” (BRANDÃO, 2019, p. 116).

Assim, o calor e a sede são constantes na jornada de Souza. Elementos que costuram o romance, sensações que o trabalho de linguagem empregado pelo autor faz com que se impregnem também nos leitores. Quando debruçado nas páginas de *Não verás país nenhum* é impossível não se sentir incomodado com as descrições de roupas grudando de suor, ar pesado, sufocante, pestilento, sol escaldante na cabeça. É bem verdade que por mais que seja possível estabelecer essas relações, este cenário de irreversível ruína ambiental (ainda?) não é o que experimentamos fora das páginas do livro. Entretanto, certo momento do romance, em que Souza rememora época decisiva para que

as coisas atingissem esse nível de degradação, parece falar diretamente do nosso tempo: “Eu nem tinha começado a trabalhar neste escritório e já lia sobre os constantes sinais vermelhos que a natureza vem emitindo. É o alerta, declaravam os cientistas” (BRANDÃO, 2019, p. 33). Pouco mais além, o narrador segue: “o povo era alheio aos seus avisos [...] Qualquer ato era ‘paranoia científica’” (BRANDÃO, 2019, p. 34).

Da mesma forma como narrado no romance, temos vivido no Brasil, como parte de um fenômeno que se estende também a outros países, uma série crise anti-intelectualista, de negação da ciência. Como reportado pelo jornal O Sul em 22 de junho de 2019, “35% dos brasileiros desconfiam da ciência e um em cada quatro acredita que a produção científica não contribui para o País” (REDAÇÃO O SUL, 2019). Dentre as maiores desconfianças, segundo a reportagem, estão a eficácia e o intuito das vacinas, o formato do planeta terra e as mudanças no clima. Corroborando o que seu eleitorado acredita – é interessante averiguar que Jair Bolsonaro foi eleito com porcentagem muito aproximada de votos válidos – reportagem do site Uol de 15 de dezembro de 2019 dizia: “O presidente Jair Bolsonaro afirmou que as negociações em torno de metas climáticas são apenas um “jogo comercial” (REUTERS, 2019). Reafirmando essa sua crença e transformando-a em forma de fazer política, “o governo brasileiro enviou representantes diplomáticos a uma reunião de negacionistas do clima nos Estados Unidos” (MELLO, 2019), como noticiado pelo site da Gaúcha ZH em 31 de julho de 2019.

Essa situação, que agravou-se com a já referenciada pandemia provocada pelo covid-19 – como ilustra, aqui, trecho de reportagem publicada pelo El País no dia 13 de julho de 2020, quando diz que “Estudo aponta que percepção negativa do país piorou com a leitura de um “Governo irresponsável” na pandemia e na proteção à Amazônia” (MENDONÇA, 2020) –, abarca não apenas o conhecimento científico em si, como também instâncias produtoras e socializadoras do mesmo, como os cientistas, as escolas, universidades e os professores. O El País publicou reportagem no dia 19 de maio de 2019 em que afirmou: “A educação vem sendo transformada numa das principais trincheiras da guerra ideológica e cultural travada no país há cerca de três anos [...] visando o fim de uma suposta “doutrinação” de esquerda dentro dos centros de ensino” (BETIM, 2019) que insistem em reafirmar tudo o que o atual governo diz descrever. O texto ainda completa que os apoiadores dessa guerra “formam uma extensa rede de deputados, influenciadores digitais e grupos [...] que estimulam, por exemplo, que alunos filmem e denunciem seus professores. [...] o próprio presidente Bolsonaro compartilhou um vídeo que expõe uma professora discordando dele” (BETIM, 2019); a matéria apresenta, ainda, uma série de declarações de professores intimidados por alunos e pais de alunos em uma afronta à liberdade de cátedra.

Incrivelmente à semelhança do que acontece em *Não verás país nenhum*, quando o Esquema persegue professores como o protagonista, que lecionava história na universidade declarando que “insistia em sair dos currículos estreitos, organizados de modo a formar baterias conformadas de tecnoburocratas” (BRANDÃO, 2019, p. 113). Muito por isso, pelo espaço democrático e de ideias liberais construído em suas aulas, Souza conta que “A direção ouvia as gravações das aulas e me chamava [...] Mandaram me seguir, plantonaram minha casa, grampearam meu telefone” (BRANDÃO, 2019, p. 25) completamente imerso em um clima de perseguição que acabou provocando a sua aposentadoria compulsória enquanto parte do que virou uma cruzada contra o pensamento crítico e científico. Souza conta que havia “intenso relato da perseguição que professores, pesquisadores, médicos, cientistas sofreram. Até o momento em que os registros não adiantaram. A exceção virou normalidade” (BRANDÃO, 2019, p. 67). Essas categorias todas foram substituídas e seus locais de

trabalho também reformados ideologicamente “[...] enquanto uma nova ordem crescia e dominava: a dos Militecnos ou tecnocratas avançados da nova geração” (BRANDÃO, 2019, p. 34) em uma ode ao militarismo como resolução para tudo.

Algo insolitamente semelhante se desenrola com o atual governo brasileiro que, por sinal, “prevê 216 escolas militares até 2023 e Bolsonaro diz que modelo tem de ser imposto”, como noticiado pela Folha em 5 de setembro de 2019 (SALDAÑA & COLETTA, 2019) e “mais que dobra número de militares em cargos civis [...] Levantamento identificou 6.157 militares da ativa e da reserva em cargos civis no governo” (LIS, 2020). Entretanto, enquanto assistimos o Brasil do nosso cotidiano militares sendo paulatinamente ligados à instituições civis, em *Não verás país nenhum* a ruptura parece menos branda com a instituição do que foi batizado como o Novo Exército, categoria que abarca os militecnos e os civiltares.

Os militecnos – militares que ocupam cargos técnicos – junto a outra categoria, a dos civiltares – civis militarizados – são duas instâncias de regularização e punição do Esquema que chamam constantemente a atenção na narrativa pelo seu caráter autoritário e violento. Portanto, é preciso, primeiro, entendê-los. Ao longo do romance vamos tendo vislumbres das responsabilidades e ações de cada uma enquanto Souza, pouco a pouco, nos fornece comentários sobre ambas. Assim, o narrador-personagem nos conta sobre os primeiros: “Suas falanges ocuparam os postos sem dar tempo a ninguém de adaptação. [...] Os Militecnos englobaram a organização militar e o racionalismo dos tecnocratas. Hierarquia, rigidez, disciplina, e ideias curiosas de mando” (BRANDÃO, 2019, p. 231), e averigua, “Provou-se que os Militecnos sofreram metamorfose em seu organismo. [...] As emoções foram eliminadas [...] De tanto mexer com números, cálculos, máquinas, métodos, os Militecnos perderam certas faculdades” (BRANDÃO, 2019, p. 34). Estes agem, assim, violentamente de maneira mais simbólica, no âmbito dos conhecimentos e das leis, enquanto aqueles, civiltares, são quem lança mão da violência física: “Para cada homem em circulação, existe praticamente um Civiltar ao seu lado. [...] parece que são treinados pelos mesmos métodos com que se ensinavam os antigos cães pastores da polícia militar.” (BRANDÃO, 2019, p. 22-23); Souza ainda completa que: “São famosos por atirar antes e não perguntar depois. Ele me agarrou. Quem é que pode mais que um Civiltar?” (BRANDÃO, 2019, p. 97-98).

Essa militarização das instituições acaba levando o Brasil de *Não verás país nenhum* a uma naturalização da violência como prática social. Essa legalização da violência demonstra-se tão insólita quanto episódios que têm transcorrido no Brasil do nosso cotidiano, como demonstrar-se-á a seguir. “[...] ouvi os estampidos. Secos, ocos. Tão conhecidos, joguei-me rápido ao chão, conforme severas instruções. Num décimo de segundo, todos em volta estendidos. [...] quantas vezes por dia me atiro ao chão nessa cidade” (BRANDÃO, 2019, p. 21-22), narra Souza, logo no início do romance. Seus testemunhos dos encontros com os civiltares sempre chocam pela agressividade desses “policiais” que, frequentemente, matam por motivo banal. Do capítulo em que um desconhecido é alvejado no meio da rua sem motivo aparente aos em que o próprio Souza que é vítima dos abusos e da truculência dessas abordagens e considera sorte sua ter saído vivo, encontramos paralelos com notícias do cotidiano, como a publicada pela Folha de São Paulo em 18 de julho de 2020 e que dizia: “Casos de abusos de policiais em abordagem são rotina no Brasil. Entre as causas estão ‘lógica de guerra’, racismo, impunidade e aceitação da sociedade” (BARBOM & PITOMBO, 2020).

Da mesma forma como as abordagens rotineiras, também as operações que os civiltares estão constantemente desempenhando no sentido de coagir uma parcela mais vulnerável da população

em *Não verás país nenhum* muito se assemelham a relatos quase semanais trazidos pela mídia quando se trata das operações policiais em comunidades de classes menos favorecidas. “O helicóptero surgiu por trás do monte de lixo a uma velocidade incrível. Quando ouvimos o barulho e erguemos a cabeça, ele já estava em cima de nós. [...] Uma metralhadora giratória começou a funcionar descarregando fogo cerrado” (BRANDÃO, 2019, p. 259), começa a contar o narrador, prosseguindo, “O fogo penetrava no chão com um barulho fofo, levantando pequenas explosões. Todos começaram a gritar. Carecas, molambentos, aleijados, os de olhos despencados, mancos, velhos, pelanqueiros, corriam” (BRANDÃO, 2019, p. 259). Enquanto isso, no nosso insólito cotidiano, manchete do jornal O Dia publicada em 10 de junho de 2019 dizia: “Placa em teto do Projeto Uerê, na Maré, avisa: ‘Escola. Não atire’. Objeto é um pedido para que a polícia não faça disparos do helicóptero contra a unidade onde há crianças e jovens” (O DIA, 2019). O texto da reportagem enfatizava o total descuido da polícia em suas operações na favela ao atirar sem qualquer critério contra tudo e contra todos, o que vem, também, resultando em tragédias como a relatada pela Folha de Pernambuco em 19 de junho de 2020: “Adolescente de 14 anos morre durante operação das polícias Civil e Federal no Rio de Janeiro [...] Parentes e amigos dizem que João Pedro Matos Pinto brincava com os primos quando os agentes invadiram o imóvel e atiraram em sua barriga” (FOLHAPRESS, 2020). Não à toa, sentimos na boca do estômago o mesmo soco que passagens da narrativa de Brandão nos desferem.

3 PARA CONTINUAR PENSANDO SOBRE

Encerrar este texto de estudo vai sempre parecer prematuro, por mais que se desenvolva a proposta. Essas tantas manchetes de notícias e trechos de reportagens apresentadas em relação a passagens de *Não verás país nenhum* não esgotam as possibilidades que se abrem a partir da leitura da obra nesse exercício de interpretação que tanto revela sobre a atualidade desse romance. Os tópicos percorridos são apenas escolhas pontuais dentre tantas outras possíveis, sempre pouco ou quase nada arbitrárias, pois situadas em um contexto específico de leitura. Outros contextos, outros leitores, apontarão outros tópicos, estabelecerão outras relações, atentarão para outros aspectos e espera-se que este trabalho sirva como ponto de partida para isso.

Por final, é pertinente ressaltar o que Souza confessa em certo momento do romance, pois diz muito sobre a experiência com esse romance que desencadeou esse estudo; Assim ele diz: “Fatos de hoje me são tão irreais que ainda não aconteceram” (BRANDÃO, 2019, p. 152). Verdadeiramente, durante a leitura de *Não verás país nenhum* essa é a nossa mais palpável sensação ao relacionar esse romance ao nosso cotidiano, a sensação de que se ainda não chegamos lá, de que se não vivemos na sociedade em que Souza trava a sua errância, estamos pelo menos no mesmo caminho rumo a um futuro inevitavelmente catastrófico, a um colapso que se desenha dia após dia tão insólito quanto o mundo que nos rodeia pode ser. O que espera-se é que a literatura, de alguma forma, com esse adiamento do futuro, nos abra os olhos para esses perigos e nos ajude a procurar outros caminhos, outras soluções, outro Brasil possível, que não o que parece se avizinhar.

REFERÊNCIAS

- BARBOM, Júlia; PITOMBO, João Pedro. Casos de abusos de policiais em abordagem são rotina no Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/casos-de-abusos-de-policiais-em-abordagem-sao-rotina-no-brasil.shtml>. Acesso em 11 de ago 2020.
- BETIM, Felipe. Campanha “anti-doutrinação” contra professores eleva estresse em sala de aula. *El País*, São Paulo, 9 de mai 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557790165_316536.html. Acessado em 30 de jul. 2020.
- BRANDÃO, Ignácio Loyola de. *Não Verás País Nenhum*. São Paulo: Global Editora, 2019.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ESTADÃO CONTEÚDO. Governo Bolsonaro demite coordenadora do Inpe responsável por monitorar desmatamento da Amazônia. *Jornal do Commercio Online*, Recife, 13 de jul. de 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/brasil/2020/07/11954279-governo-bolsonaro-demite-coordenadora-do-inpe-responsavel-por-monitorar-desmatamento-na-amazonia.html>. Acessado em 25 de jul. de 2020.
- FOLHAPRESS. Governo acelerou canetadas sobre meio ambiente durante a pandemia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/07/governo-acelerou-canetadas-sobre-meio-ambiente-durante-a-pandemia.shtml>. Acesso em 29 de jul. de 2020.
- _____. Adolescente de 14 anos morre durante operação das polícias Civil e Federal no Rio de Janeiro. *Folha de Pernambuco*, Recife, 19 de jun. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/adolescente-de-14-anos-morre-durante-operacao-das-policias-civil-e-fed/141004/>. Acesso em 11 de ago. 2020.
- GARCÍA, Flávio. Fantástico: a manifestação do insólito ficcional entre modo discursivo e gênero literário – literaturas comparadas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. UFPR, Curitiba, Brasil, 2011.
- GINWAY, Maria Elizabeth. *Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir Livraria, 2005.
- LIS, Laís. Governo Bolsonaro mais que dobra número de militares em cargos civis, aponta TCU. *G1*, Brasília, 17 de jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml>. Acessado em 31 de jul. 2020.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. *Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo*. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

MELLO, Patrícia Campos. Governo brasileiro participa de reunião com negacionistas do aquecimento global. *GauchaZH*, 31 de jul. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2019/07/governo-brasileiro-participa-de-reuniao-com-negacionistas-do-aquecimento-global-cjyrj966d00aw01nrxvi647cs.html>. Acesso em 29 de jul. 2020.

MENDONÇA, Heloisa. Imagem do Brasil derrete no exterior e salienta “crise ética e de falência de gestão” com Bolsonaro. *El País*, São Paulo, 13 de jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-13/imagem-do-brasil-derrete-no-exterior-e-salienta-crise-etica-e-de-falencia-de-gestao-com-bolsonaro.html>. Acesso em 30 de jul. 2020.

NSCTV. Seca provoca transtornos e modifica paisagens em SC, PR e RS. *G1*, São Paulo, 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/05/19/seca-provoca-transtornos-e-modifica-paisagens-em-sc-pr-e-rs.ghtml>. Acesso em 29 de jul. de 2020.

O DIA. Placa em teto do Projeto Uerê, na Maré, avisa: ‘Escola. Não atire’. *Jornal O Dia*, São Paulo, 10 de jun. de 2019. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/05/5641109-placa-em-teto-do-projeto-uere-na-mare-avisa-escola-nao-atire.html#foto=1>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

REDAÇÃO O SUL. Ceticismo: um terço dos brasileiros desconfia da ciência. *O Sul*, Porto Alegre, 22 de jun. de 2019. Disponível em: <https://www.osul.com.br/um-terco-dos-brasileiros-desconfia-da-ciencia/>. Acesso em 29 de jul. de 2020.

REUTERS. Bolsonaro diz que negociações sobre o clima são “jogo comercial”. *Economia Uol*, São Paulo, 15 de dez. de 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2019/12/15/bolsonaro-diz-que-negociacoes-sobre-clima-sao-jogo-comercial.htm>. Acessado em 29 de jul. de 2020.

SALDAÑA, Paulo; COLETTA, Ricardo Della. Governo prevê 216 escolas militares até 2023 e Bolsonaro diz que modelo tem de ser imposto. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/09/2019/governo-preve-216-escolas-militares-ate-2023-e-bolsonaro-diz-que-modelo-tem-de-ser-imposto.shtml>. Acessado em 31 jul. 2020.

SOUZA, Antonia Pereira de. *O Fantástico no Romance Não Verás País Nenhum*. São Paulo: Paco Editorial, 2019.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

WATANABE, Phillippe. Amazônia tem 14º mês seguido de aumento de desmate, e derrubada em junho é a maior desde 2016. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/07/amazonia-tem-14o-mes-seguido-de-aumento-de-desmate-e-derrubada-em-junho-e-a-maior-desde-2016.shtml>. Acesso em 25 de jul. de 2020.

ZANON, Sibélia. Desmatamento na Amazônia está secando o resto do Brasil, aponta relatório. *Mongabay* – notícias ambientais para informar e transformar, Brasil, 28 de ju. De 2020. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2020/07/desmatamento-na-amazonia-esta-secando-o-resto-do-brasil-aponta-relatorio/>. Acesso em 29 de jul. de 2020.

